

CULTURA E EDUCAÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Marcus Aurelio Taborda de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais - CNPq/FAPEMIG
marcustaborda@uol.com.br

Resumo

O texto trata de um relato de experiência que tem elocuções radiofônicas como possibilidades de extensão universitária. Articula dois tipos de participação junto ao Programa Pensar a Educação, Pensar o Brasil, transmitido pela Rádio UFMG Educativa, em Belo Horizonte. O Programa é uma das seis ações do Projeto de mesmo nome, e nele as sessões Educação e Literatura e Educação em Pauta, cumprem um duplo papel: expandir as possibilidades de acesso à cultura na forma de resenhas literárias, e comentar eventos ou notícias de destaque, ligados a uma agenda política que tenha a educação como ponto de referência.

Palavras-chave: Extensão universitária. Rádio e educação. Educação e mídias.

CULTURE AND EDUCATION IN THE RADIO WAVES: AN EXPERIENCE OF UNIVERSITY EXTENSION

Abstract

This work treats a radio experience as possibility for university extension. It reports two types of participation in the Program Pensar a Educação, Pensar o Brasil, presented by Rádio UFMG Educativa, in Belo Horizonte, Brazil, that is one of six actions of the Project that have same name. In the Program we developed two sessions: Education and Literature and Education News, that have a double objective: to expand the access possibilities to the culture through comments about literature and explain general comments about news connected with a political Brazilian agenda.

Keywords: University extension. Radio and Education. Education and Mass Media.

CULTURA Y EDUCACIÓN EN LA HOLAS DEL RÁDIO: UMA EXPERIENCIA DE EXTENSION UNIVERSITÁRIA

Resumen

El texto relata la experiencia que elocuciones radiofónicas como posibilidad de extensión universitaria. Son dos las participaciones en el programa Pensar la Educación, Pensar a Brasil, que transmite la radio UFMG Educativa, en Belo Horizonte. El programa es una de las seis acciones del proyecto con el mismo título y en él las secciones Educación y Literatura y Educación en Pauta, cumplen un doble rol: expandir las posibilidades de acceder a la cultura en forma de reseñas literarias, y comentar eventos o noticias en destaque, colgados a una agenda política que tenga la educación como referente.

Palabras clave: Extensión Universitaria. Radio y Educación. Educación y Medios.

CULTURA E EDUCAÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO

Não se pretende neste relato de experiências tratar do potencial educativo do rádio na transmissão da cultura. Basta lembrar que intelectuais do porte de Raymond Williams, Walter Benjamin e Theodor W. Adorno foram autores de locuções que se tornaram referência no âmbito das chamadas Humanidades na tentativa de articular o pensamento rigoroso com os problemas da vida ordinária, mesmo em um momento no qual a televisão já figurava como o grande elemento modernizador da comunicação de longa distância.

Também na realidade brasileira, inúmeros intelectuais, de Roquette-Pinto a Heitor Villa Lobos, de Mario de Andrade a Paulo Freire, valeram-se do rádio de maneira mais ou menos sistemática para comunicar ao país seu pensamento. O potencial comunicativo do rádio permitiu o desenvolvimento de várias formas de educação social que cobriram um espectro tão vasto de iniciativas que foram de

programas musicais à informação, cultura geral, educação, esporte e ou ginástica etc. Além das iniciativas pioneiras de Roquette Pinto, ainda na década de 1920, não é demais lembrar outras como as do Projeto Rondon, ou o Projeto Minerva, nos idos da ditadura brasileira pós 1964. Portanto, o rádio, seja como aparato, seja como conceito, presta-se a uma ambivalência que permite o seu uso como vetor educativo por excelência, “independentemente” da positividade ou da negatividade das intenções daqueles que o mobilizam como instrumento de educação. Tanto para desenvolver um sentimento de pertencimento nacional adequado à ideologia do Brasil Grande, como para formular a crítica radical das estruturas societárias, o rádio tem sido um dispositivo fundamental na educação das sensibilidades.

Foi com esse entendimento que, de maneira um tanto involuntária, me envolvi com a “cultura do rádio”. Embora eu tenha participado de ações de extensão universitária na minha juventude, tais como o Projeto Rondon e o CRUTAC (1), e coordenado algumas ações pontuais durante a minha atuação como docente da Universidade Federal do Paraná (2), foi apenas a partir de 2010 que me envolvi de maneira sistemática

1 O Centro Rural Universitário de Ação Comunitária – CRUTAC, criado em 1966 na UFRN e coordenado pelo MEC, foi uma das iniciativas das quais pude participar como estudante universitário no período final da ditadura. Nas ações coordenadas pela professora Niroa Zuleika Rotta Ribeiro Glaser um conjunto de alunos desenvolvia atividades de formação de professores leigos e normalistas em polos paranaenses e catarinenses de baixo IDH. No Projeto Rondon, coordenado pelo extinto Ministério do Interior, além de atividades no Paraná, tive a oportunidade de participar do Projeto Campus Avançado, atuando por dois meses em Imperatriz, no Maranhão.

2 Projeto Alfabetização em Creches Alternativas, que desenvolvia atividades junto a creches públicas na cidade de Curitiba. Inicialmente desenvolvido apenas junto à creche da antiga Vila Pinto, hoje Vila das Torres, coordenado pelo MDF – Movimento em Defesa dos

com a extensão universitária, justamente através do rádio.

Quando da minha chegada a Belo Horizonte (e à UFMG) fui convidado pelos professores Tarcísio Mauro Vago e Luciano Mendes de Faria Filho para participar de algumas edições do Programa que eles conduzem junto a Rádio UFMG Educativa, o qual faz parte das ações do Projeto Pensar a Educação, Pensar o Brasil (3). De participações pontuais e episódicas, na forma de entrevistas, comentários etc., desenvolveu-se a ideia de levar para a pauta do programa uma sessão de comentários de livros destinados a professores escolares, sobretudo da rede pública. Nas conversas que se sucederam, e refletindo sobre o convite, propus que o tal comentário não tivesse um caráter pedagógico, no sentido de “didático” ou prescritivo.

Há muito tempo eu entendo que os professores escolares precisam de muito mais que prescrições pedagógicas e fórmulas didáticas para pensar sobre o seu lugar no mundo, incluindo aí a sua condição docente. “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte...”. Este brado do poeta latejava o meu desejo de comunicar mais do que os limites do “pensamento pedagógico”. Daí a sugestão de criarmos algo como uma resenha radiofônica que tratasse

de Educação e Literatura, nome que se estabilizaria e que permanece ainda hoje.

Dois anos e dezesseis programas depois, novamente atendendo a um convite de Luciano Mendes, ampliei minha inserção na mesma Rádio UFMG Educativa com um comentário semanal sobre questões ligadas à educação nacional, o qual se denomina Educação em Pauta. A sessão é transmitida pelo jornalismo da Rádio na sua programação do horário do almoço e retransmitida no programa noturno.

As duas experiências combinadas têm me permitido ampliar o foco das minhas intervenções acadêmicas na medida em que a plasticidade da comunicação radiofônica auxilia formas de comunicação menos rígidas e fechadas do que aquelas próprias do cotidiano do trabalho na Universidade. Pretendem, ainda, tornar a Educação um tema corriqueiro na vida de todos, algo que fazemos o tempo todo, mas quase sempre não nos damos conta. Ou seja, mesmo que em um programa e em uma sessão voltados claramente para a educação, o que se procura é abordá-la naquilo que ela diz sobre a nossa cultura, a nossa sociedade, o nosso lugar no mundo, e não como um domínio único e restrito de especialistas. Afinal se a educação é o esforço que as sociedades fazem para formar as novas gerações e para transmitir o

Favelados, o projeto se difundiu e atingiu também algumas creches oficiais da Prefeitura Municipal de Curitiba, como aquelas da Vila Oficinas. A coordenação geral desse projeto me foi oferecida pela professora Maria Aparecida Zanetti, da UFPR. Ao longo dos 5 anos que estive à frente do mesmo, 16 bolsistas de extensão atuaram junto àqueles espaços educativos.

3 O projeto, caracterizado como um conjunto de ações articuladas de ensino, pesquisa e extensão, tem a coordenação geral dos professores Luciano Mendes de Faria Filho e Tarcísio Mauro Vago e desenvolve seis diferentes ações: o Programa de rádio *Pensar a Educação, Pensar o Brasil*, transmitido ao vivo semanalmente; o Boletim *Pensar a Educação, Pensar o Brasil*, também produzido com periodicidade semanal; a Coleção de publicações com o mesmo nome, em parceria com a Editora Mazza, de Belo Horizonte; uma ação de pesquisa atualmente representada pelo Projeto Moderno, Modernidade, Modernização: a educação nos projetos de Brasil (1822-2022), o Seminário Anual do Projeto, com conferências mensais, as quais nesse ano têm focado os 180 anos da formação de professores no Brasil; e a página na internet <http://www.pensaraeducacao.com.br/>.

patrimônio cultural, então ela deve ser uma das muitas e principais preocupações do nosso cuidado com o mundo. Assim, mais que a “autoridade” do especialista, as duas ações de extensão pretendem dialogar sobre a educação como experiência multifacetada, não restrita ao universo escolar, em sua estreita relação com a produção cultural e com a política.

EDUCAÇÃO E LITERATURA

A literatura light, assim como o cinema light e a arte light, dá ao leitor e ao espectador a cômoda impressão de que é culto, revolucionário, moderno, de que está na vanguarda, com um mínimo esforço intelectual. Desse modo, essa cultura que se pretende avançada, de ruptura, na verdade propaga o conformismo através de suas piores manifestações: a complacência e a autossatisfação (VARGAS LLOSA, 2013, p. 32).

O Programa Pensar a Educação, Pensar o Brasil é transmitido semanalmente pela Rádio UFMG Educativa, sempre às segundas feiras, no horário das 20h às 22h. Surgida em 2010 como parte da grade do referido Programa, a sessão Educação e Literatura tem periodicidade mensal, e é comunicada ao vivo normalmente na quarta semana de cada mês, ocupando os últimos 30 minutos do Programa. Desde as suas origens ela tem a pretensão de ser pouco pretensiosa...

Valendo-me da autonomia que me foi conferida pelos coordenadores gerais do Projeto e pelos produtores do Programa, apostei na ideia que valeria a pena evitar a ligação direta e utilitária entre educação e literatura, tomando a segunda como “exemplar” para a vida ou, no caso dos

professores escolares, como expressão de material possível de contribuir para o seu trabalho docente. Ao contrário, apreciador da literatura que sou, preferi comentar obras simplesmente pelo seu valor como obras literárias, logo, peças de ficção. No meu entendimento a literatura, como a arte em geral, permite que imaginemos outros mundos ou, ao menos, outras possibilidades para este mundo, afetando-nos de maneira a permitir uma resignificação constante da nossa experiência. Portanto, o “valor” das obras por mim escolhidas não é definido por qualquer tipo de cânones ou classificação, mas apenas pelo prazer da fruição que tais obras me permitiram e pelo que significaram para mim como experiências potencializadoras de reflexão. A comunicação com o público dá-se com a clara intenção de compartilhar essas experiências.

Por mais frouxo que este critério pareça ele tem um fundamento: não raro a Academia tem a pretensão de “ensinar” os professores escolares “como fazer”, esquecendo que cotidianamente eles são impelidos a tomadas de decisões sobre as mais difíceis questões, desde as eminentemente didáticas, até aquelas relacionadas com a violência, a indisciplina, a drogadição, o adoecimento (dos alunos, da sociedade e deles mesmos...). Logo, considero autoritária a pretensão da Universidade de prescrever formas “corretas” de agir para professores que estão, às vezes há anos, em serviço nas nossas escolas, principalmente as públicas. Ao contrário, compartilho o entendimento que a Universidade pode ser um parceiro a mais dos professores na difícil arte de “intercambiar experiências” conforme um dia sugeriu Walter Benjamin ao tratar da experiência e da narração (BENJAMIN, 1985).

Portanto, a resenha radiofônica não trataria de livros técnicos sobre educação (por exemplo, o último lançamento sobre letramento, sobre a importância da atenção ao corpo dos alunos ou sobre a educação científica). Esse tipo de literatura especializada já tem o seu lugar garantido no debate educacional e cumpre um papel claramente prescritivo. Se não se trata de definir se é melhor ou pior que a literatura como possibilidade de fruição, é necessário observar que a sua finalidade última é decididamente pedagógica. A resenha, menos ainda se ocuparia de obras que tenham uma pretensão paradidática (a literatura na sala de aula ou similares), mas procuraria compartilhar com os professores e demais interessados a experiência de ler literatura não especializada, não técnica, e o gosto pela leitura como uma dimensão importante da minha própria vida. Trata-se, em termos teóricos, de permitir a plena “exploração aberta do mundo”, ou o “encontro da mente com o mundo”, como propõem os historiadores Edward Thompson (1981) e Peter Gay (1998), respectivamente.

Entre o meu desejo de um diálogo mais aberto com os ouvintes e os propósitos de um Programa voltado para temas educativos, e tentando evitar o caráter pedagógico-prescritivo, desenvolvi um procedimento que se estabilizou ao longo dos anos. Escolhida a obra a ser comentada em cada sessão, faço uma apresentação formal 1) do autor e 2) da obra para, em seguida, sugerir por que ela 3) poderia ser lida pelos professores. No primeiro passo procuro, portanto, traçar em linhas bastante gerais um perfil do autor como um criador, sem a pretensão de esgotar a sua trajetória ou inscrevê-lo em escolas ou tradições literárias, embora eventualmente faça isso. No segundo

eu apresento a obra em aspectos gerais como produção e circulação, além de me deter na exploração do seu conteúdo. Entendo esse momento como aquele no qual eu, na verdade,uento a história contada pelo autor do livro, que pressupõe ênfases e omissões, destaques, encantos e desacordos próprios da minha leitura pessoal. Como a leitura de um livro específico certamente produz afetos distintos em distintos leitores, eu encerro a minha locução com um comentário sobre o motivo de eu sugerir aquela leitura específica para professores e para o público em geral.

Em alguns casos o conteúdo dos livros revela “verdades” que me afetam, mas não necessariamente serão verdades ou afetarão a outros leitores. Às vezes a narrativa é por si mesma o motivo do encanto. Outras, a materialidade do livro fala por si mesma... Um exemplo dessa perspectiva é o livro *Os cartazes dessa história*, organizado por Vladimir Saccheta, José Luiz Del Roio e Ricardo Carvalho, que tem um tipo de imagem específico – cartazes políticos – como eixo norteador de uma narrativa sobre a resistência à ditadura brasileira pós 1964. Ou seja, movido pelos meus próprios juízos e sentimentos, eu ouso sugerir que outras pessoas leiam aquilo que eu achei que valia a pena ser lido.

Também não há, no meu critério de seleção, qualquer tipo de enquadramento entre obras canônicas ou literatura ligeira ou popular. Por vezes, um livro lido há 10 ou 20 anos é escolhido em função de uma demanda específica ou de uma recordação que me abre as portas da memória. Outras vezes comento o livro que li nas últimas férias de verão. A única censura que mobilizo é o efeito que um determinado livro produziu em mim, algo como uma autocensura. Assim, nem tudo que leio, comento, simplesmente porque entendo

que há livros que devem, precisam ou merecem ser compartilhados, enquanto outros não. Como a ideia não é produzir crítica literária, penso que não faz sentido sugerir aos ouvintes/ leitores potenciais por que não ler determinado livro...

Ao longo de quatro anos comentei 30 livros diferentes. Nesse número estão incluídas obras consideradas clássicas tais como Judas, o obscuro, de Thomas Hardy, novelas históricas como O sonho do celta, de Mario Vargas Llosa, e O cemitério de Praga, de Umberto Eco, memórias tais como É isso um homem?, de Primo Levi ou Sob o sol jaguar, de Italo Calvino, até mesmo comics, como Valsa com Bashir, de Ari Folman e Favid Polonsky, experimentações literárias como Tudo o que você não queria saber sobre sexo, parceria de Mirian Goldenberg e Adão Iturrusgarai, passando por uma “nova” e estimulante literatura brasileira representada por Cristóvão Tezza, O filho eterno, Daniel Galera, Barba ensopada de sangue ou Sérgio Rodrigues, O drible. Cada um deles mereceria um comentário aqui, mas evidentemente isso não é possível.

No instante do comentário do livro, que é feito ao vivo, eventualmente emerge um diálogo com a equipe de estúdio, no qual discutimos o livro e por vezes o relacionamos com eventos ordinários. Por exemplo, o comentário sobre Fim, de Fernanda Torres, acabou suscitando um diálogo sobre o sentido da velhice na sociedade contemporânea. Essa prática, mais do que um entrave ao propósito da sessão, parece refletir bem o “espírito” dinâmico do rádio, e mesmo o ideal de plasticidade da resenha, uma vez que ela não se reveste do verniz acadêmico.

EDUCAÇÃO EM PAUTA

Essa outra intervenção no rádio iniciou-se há dois anos. Inicialmente fui convidado para substituir temporariamente o professor Luciano Mendes de Faria Filho, que naquele momento se dedicava a outras atividades fora de Minas Gerais. A experiência se afirmou e passei a contribuir de maneira sistemática com o jornalismo da Rádio UFMG Educativa. Nesse outro formato, semanalmente, sempre as segundas-feiras pela manhã, gravamos um pequeno comentário com aproximadamente seis minutos, o qual é parte de um jornal de notícias transmitido no horário do almoço pela Rádio UFMG Educativa. O comentário é repetido no programa Pensar a Educação, Pensar o Brasil, à noite.

A dinâmica de Educação em Pauta obedece a uma breve consulta formulada pelo jornalista Vinicius Luis, responsável pela pauta, o qual me oferece uma margem muito grande de autonomia para a escolha do tema a ser comentado. Normalmente recuperamos algum tema ligado à educação que tenha ocupado a mídia brasileira na semana anterior, frequentemente desencadeando algum tipo de polêmica. Fazendo um rápido clipping da mídia nacional, decidimos pelo tema a ser explorado na forma de uma breve entrevista. O jornalista formula as suas questões e eu respondo/comento segundo os meus pontos de vista particulares.

Ao longo desses anos comentamos temas tão amplos e polêmicos como a morosidade na tramitação do Plano Nacional de Educação – PNE, o financiamento público da educação, incluindo o financiamento público de conglomerados educacionais privados, as controvérsias em torno das disputas curriculares, o dia-a-dia da

escola (violência, preconceito, evasão, avaliação, qualidade do ensino etc.), a formação e a valorização dos professores (formação inicial e continuada, carreira, salário, trabalho cotidiano, adoecimento, direitos etc.) o lugar da família (e da sociedade) na responsabilidade pela educação, entre tantos outros.

O objetivo do comentário é ampliar o foco na educação como um problema que diz respeito a todos, mas que é uma obrigação precípua do Estado no que se refere à sua dimensão formal ou institucional. Partimos do entendimento que a Educação, a despeito do espaço que costuma ocupar na mídia, ainda não é um tema fundamental na agenda política brasileira (4). Assim, pelo alcance do rádio procuramos expandir a reflexão sobre problemas da educação nacional para o conjunto da comunidade, e não apenas para as rodas de especialistas.

Entendemos que o quê se faz com a educação da população, ou o que se deixa de fazer por ela, é um assunto que deveria fazer parte do nosso cotidiano. Quando definimos que apenas acadêmicos ou, o que é bem pior, políticos carreiristas, podem tratar de assuntos ligados à educação, então temos um grave problema para construir o nosso sentido de pertencimento a um projeto de país que leve em conta a possibilidade de uma vida melhor para todos, sobretudo para os que têm menos oportunidades de

desenvolvimento fora das iniciativas do Estado. Afinal, a educação pública, oportunizada pelo Estado, é uma das poucas oportunidades que um enorme contingente da população brasileira tem de acessar aquilo que foi produzido pela humanidade na sua longa marcha. Daí a importância de discutirmos o papel da escola pública, mas também da universidade pública, da imprensa e da grande mídia em geral, de espaços tais como museus, centros culturais e de arte e de todas aquelas formas de transmissão cultural que possam representar uma possibilidade de formação para todos, e não apenas para pequenos grupos já favorecidos pela condição econômica.

Mas não só! Temas não normalmente considerados como propriamente “educacionais” são abordados no comentário como exemplos daquilo que a sociedade pode fazer a favor ou contra ela mesma, ou seja, que implicam aspectos educativos potenciais. Nesse sentido não deixo de comentar aquelas manifestações que foram contrárias às iniciativas de educação contra o sexismo ou o racismo nas escolas; manifestações como a do público presente nos estádios brasileiros durante a última Copa do Mundo; os debates (o)corridos durante a última campanha presidencial; as recentes manifestações contra ou a favor do governo nas ruas do país. Segundo o meu entendimento, a educação compõe um conjunto de práticas que

⁴ No momento mesmo que era produzido esse relato deparamo-nos com um conjunto de manifestações criticando o expressivo corte de verbas do Ministério da Educação, fruto do ajuste econômico imposto pelo governo federal. O paradoxo reside no fato deste mesmo governo ter assumido como bordão que o Brasil é uma *Pátria Educadora*. Ora, mesmo reconhecendo que o Ministério da Educação conta com o maior orçamento da União, o que explicaria a redução de repasses financeiros para a pasta, não é demais lembrar o quanto de isenção de impostos o país dedicou ao grande empresariado nos últimos vinte anos, independentemente de quem era o governante de plantão. Se considerarmos o fato de que parte das verbas do Ministério financiam empresas privadas que fazem da educação um negócio muitas vezes de péssima qualidade, não é difícil observar que a educação não tem se configurado como uma grande prioridade na agenda política brasileira. Só isso explica a aprovação do PNE praticamente quatro anos após o prazo estabelecido inicialmente, e o fato do principal afetado pelo propalado ajuste econômico ser exatamente o Ministério da Educação.

pretende, como assinalei, transmitir às novas gerações os valores de uma determinada sociedade.

Também é papel das práticas e agências educativas fazer a crítica daquilo que pode depor contra essa mesma sociedade. Então, quando vemos indivíduos e grupos reivindicando a volta dos militares e da ditadura ao governo, questionamo-nos sobre duas dimensões: porque reivindicar algo que foi tão danoso para a sociedade brasileira e como a educação poderia oferecer a oportunidade de um Brasil diferente, de um mundo diferente? Em relação à primeira das perguntas, se lembrarmos – e o esforço de memória é profundamente educativo – que as ditaduras em geral, e a brasileira não foi exceção, matam, estupram, suspendem os direitos, torturam, censuram, desaparecem com as pessoas, como é possível que se reivinde a sua volta? A resposta para essa questão pode representar uma crítica ao que parte das nossas escolas e toda a sociedade fez nas últimas décadas. Afinal, se há quem entenda uma ditadura simplesmente como um regime de governo entre outros, então alguma coisa falhou no processo de educação dessas pessoas, uma vez que muita gente não tem um conhecimento mínimo elementar sobre seus deletérios efeitos sobre uma sociedade, sobre o quanto ela significa de cancelamento da política na medida em que cancela o direito, inclusive os de viver o diferente, de discordar e se opor.

Em relação ao segundo aspecto, ele certamente é mais complexo. A educação não pode nada sozinha, e não pode nada por si mesma. Ela tem uma capacidade relativa de auxiliar as pessoas e as sociedades a avançarem na direção de um mundo minimamente mais equilibrado, harmonioso, igualitário, equânime. Mas nada disso a

educação resolve isoladamente, sem o consórcio da economia e da política. Então, nesse aspecto a educação tem um potencial de educação política que pouco temos reconhecido ou, pelo menos, e de acordo com os interesses de determinados grupos dominantes, pouco temos incentivado. Nesse aspecto, ao tratar do tema das manifestações de rua no rádio, com todos os seus ódios destilados, o seu grau de intolerância, a reivindicação do arbítrio e do horror, entendemos que podemos cumprir um papel educativo na medida em que oferecemos visibilidade ao conflito não como algo inato ao homem, mas como uma dimensão da vida societária constantemente atualizada, resignificada, que pode contribuir para que indivíduos e grupos alijados dos jogos do poder possam não só ser ouvidos, mas participar ativamente da construção de uma nova forma de vida social que não permita que as violências do passado se abatam sobre nós novamente. Memória, política, ação são temas não necessariamente escolares, mas profundamente educativos que temos procurado debater na experiência de extensão pelo rádio.

A aceitação ou refutação das ideias, teses, concepções ou opiniões por mim exaradas já fazem parte do esforço de disseminar a compreensão que uma boa educação significa uma aposta que é possível viver na diferença, equilibrando o desejo individual e a necessidade de todos, respeitando a capacidade que as pessoas têm de tomar decisões, mas também cuidando para que decisões arbitrárias ou impensadas não sufoquem a quem quer que seja. Daí a compreensão da necessidade de tratar a educação não como negócio no mercado da cultura e dos bens simbólicos, mas como dimensão fundamental da vida política, uma

vez que ela poderia fomentar a discussão sobre o sentido do que é público, e sobre as possibilidades e formas de participação de todos no cuidado com a gestão da vida pública.

Também nesse caso não se trata de assumir uma postura prescritiva ou didática, mas de fazer a crítica de fatos, eventos, ideias, concepções que obstem a possibilidade de uma educação ampla e universal, de fato pública, que seja capaz de oportunizar que as pessoas conheçam e usufruam da cultura no seu sentido mais pleno, mas também possam ter a possibilidade de pensar radicalmente o pensamento social reinante. No exemplo dos apologistas da ditadura, então, se trata de lembrar que todo esforço de reconhecimento da diferença – inclusive ideológica – que permite a disseminação de ideários resentidos, reacionários e mesmo protofascistas, todo esse esforço só foi possível porque muitos lutaram e pereceram enfrentando as mais diferentes formas de arbitrio, silenciamento, violência. O fato de a maioria de nós não ter vivido a experiência direta da perseguição, da tortura, do exílio forçado, não significa que, por um esforço coletivo de rememoração, não possamos ou devamos constantemente relembrar que ditaduras, regimes militares e qualquer forma autoritária de governo Nunca Mais!

O esforço de colocar em pauta temas ligados à educação nacional – e às vezes internacional – significa adotar uma atitude crítica em relação àquilo que pode sugerir consenso, harmonia, apaziguamento. Se, pelas contingências da vida, nem todos podem dedicar-se ao esforço de pensar a sociedade pela ótica dos seus processos de formação, então entendo que o rádio pode ser uma ferramenta poderosa na disseminação de pontos de vista que fomentem o debate

franco sobre o que fazemos das nossas novas gerações em um país que naturalizou inúmeras formas de violência, desde a corrupção endêmica até a boçalidade com a qual nos movemos no trânsito, como um traço da sua identidade.

SOBRE OS EFEITOS DO RÁDIO

O alcance efetivo das locuções radiofônicas é um ponto sobre o qual é muito difícil discorrer. Além dos mecanismos técnicos de medição da audiência, certamente mobilizados por quem tem competência para isso, temos indícios esparsos que essas locuções foram ouvidas por diferentes pessoas, de diferentes lugares, idades, formação etc. Mas não tenho a menor condição de avaliar o seu alcance pleno – e devemos lembrar que se trata de uma iniciativa educacional dentro da programação de uma rádio universitária. Logo, não tem a pretensão disputar índices de audiência com qualquer outro meio ou com iniciativas congêneres. Mesmo assim, certamente as equipes técnicas dos programas são capazes de medir o alcance das ações, pelo menos no que se refere aos seus ouvintes.

No entanto, para mim é mais importante considerar a possibilidade de alguém vir a ouvir os programas e dialogar sobre o seu conteúdo ou formato em suas redes de sociabilidade. Muitas vezes premidos por um frenesi utilitário iniciativas educativas e culturais são abandonadas por “não darem retorno”, seja na forma diretamente econômica, seja na forma de capital social ou acadêmico para os seus formuladores. No caso das duas sessões aqui apresentadas, elas não têm qualquer pretensão pragmática, no

sentido se serem uteis para fins imediatos. Ao contrário, o seu funcionamento permite o exercício do livre pensar premido apenas pelas inquietações que as aventuras deste mundo produzem no autor das elocuções.

Nesse sentido, um retorno bastante tímido, mas estimulante, é-nos oferecido de maneira pouco sistemática, mas recorrente. Desde situações de espanto de alunos que dizem “Ah, então é você quem comenta os livros?”, ou colegas que decidiram ler um determinado livro porque se deixaram tocar pelos meus comentários, até mensagens recebidas criticando a minha abordagem “desrespeitosa” em relação ao Congresso Nacional, quando da tramitação do Plano Nacional de Educação, ou a minha falta de “senso democrático” ao criticar aqueles que reivindicam o retorno dos militares ao poder. Em todos esses casos, independentemente da quantidade de respostas, gosto de admitir que o esforço de comunicação pela via radiofônica cumpre um papel de fomentar o diálogo entre pessoas fisicamente distantes, mas ocupadas de pensar um mesmo conjunto de problemas, ainda que com lentes diferentes. Ou seja, parece se estabelecer a atitude dialógica que almejamos quando tratamos de um tema tão candente e difícil como a Educação e das suas múltiplas manifestações na sociedade contemporânea.

Em relação ao erro ou acerto do tom adotado nos programas, confesso que minha preocupação com isso é apenas residual. Não se tratando de ações didáticas ou prescritivas, não havendo a pretensão de “formar” alguém, tampouco espero que se convertam em mero entretenimento, aspecto tão afeito à cultura contemporânea. Ao contrário, pretendendo estabelecer linhas de compartilhamento de ideias, opiniões, sentimentos e experiências, não me move

pelo medo, receio ou preocupação em assumir qualquer tipo de posição, por mais sujeito a críticas que ela possa ser. Prefiro compartilhar com Mario Vargas Llosa a valiosa noção que “...a vida não é só diversão, mas também drama, dor, mistério e frustração”. Aliás, há muito compartilho do entendimento que, no mundo da educação, como no mundo da política, é melhor ter uma posição clara sobre o que acontece na nossa sociedade do que imaginar que não ter posições seja uma virtude ou que qualquer posição é válida por si mesma!

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GAY, Peter. **A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.